View metadata, citation and similar papers at core.ac.uk
brought to you by CORE
provided by Infoteca-e

O Brasil e seu contexto

» SACHA CALMON
Advogado, coordenador da especialização em direito tributário das Faculdades Milton Campos, ex-professor titular da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), presidente da Associação Brasileira de Direito Financeiro (ABDF) no Rio de Janeiro

O governo despachou o vice-presidente Michel Temer, em busca de investidores mundo afora. Nos "anos Dilma" crescemos pouco, aumentamos o intervencionismo estatal e a insegurança jurídica no ambiente de negócios. A providência justifica-se. Se terá êxito é outra questão. Parece-nos inegável, mesmo assim, que o Brasil é o país em que as instituições do Estado Democrático de Direito mais resistiram aos próceres saídos do Fórum de São Paulo, a usar eleições democráticas para se perpetuarem no poder, falseando o processo político e aparelhando o Legislativo e o Judiciário.

Na Argentina, a Reina Cristina (e sua degradada Suprema Corte) acaba de sofrer duro revés eleitoral, a lhe retirar a esperança de um terceiro mandato. Talvez uma política social-democrática à moda europeia, apesar do desmantelamento do *Clarín* (única mídia de oposição) substitua o populismo antidemocrático de um cansativo "justicialismo".

Em Cuba, há que esperar a morte dos irmãos Castros e da ditadura, para uma transição bem-sucedida rumo à economia de mercado, graças ao apoio decisivo do México. Lá existe um povo capacitado. O que não presta é o regime econômico. A Nicarágua patina, enquanto Costa Rica e Panamá crescem com qualidade. Ao contrário da Colômbia, na Venezuela a inflação cresce, o desabastecimento campeia, faltando até papel higiênico, e o crime alastra-se.

Os empresários brasileiros estão com recebimentos atrasados em 120 dias e crescendo. Nicolás Maduro anda recoberto de crucifixos e balangandãs. Outro dia disse que viu o rosto do comandante Chávez materializar-se no interior de uma gruta. Apela, para aguentar-se no poder, à ignorância e crendice religiosa, matéria-prima do populismo latino-americano. Mas o poder deverá passar à oposição em meio a uma profunda crise econômica e social, à beira da anarquia e da mal administrada riqueza petrolífera.

O Equador está na costa do Pacífico e virado para a Ásia, para onde se desloca o poder econômico, mas é prejudicado pelo esquerdismo. A Bolívia, onde a autonomia das leis indígenas favorece o tráfico de drogas e o contrabando, fechou-se em profundo silêncio. Mas é riquíssima em minérios, terras-raras e gás. Falta-lhe um governo lúcido, voltado à solução da pobreza que infelicita o país, em parte devido à cultura de subsistência dos índios quetchuas e aymarás. O Paraguai já livrou-se do ex-bispo Lugo e tem muito a crescer, se souber jogar bem com os vizinhos Brasil e Argentina.

Os países da Aliança do Pacífico (EUA, Canadá, Chile, Peru, Colômbia, Panamá, Costa Rica e México) crescem a olhos vistos, distantes do estatismo ineficiente e do populismo político.

E nós? Para onde vamos? Temos má gestão, gastos excessivos, baixo nível de investimentos, quebra da confiança dos empresários nacionais e estrangeiros, artifícios contábeis, controle de preços (petróleo, tarifas de transporte e de energia elétrica), fixação da inflação em nível alto (à volta de 5,5%), exigindo Selic de 10% a 12% ao ano, enorme carga tributária, burocracia paralisante e baixo crescimento econômico (a atividade mantém-se em crescimento vegetativo, mantendo os empregos, por enquanto).

O Federalismo está hipertrofiado na União. O ambiente político-administrativo é confuso (40 ministros). O Legislativo Federal é de baixa qualidade, devido à existência fisiológica de 32 partidos (80% dos parlamentares são da "base aliada"), mantidos às expensas de arreglos, num toma lá dá cá imoral e desmoralizante. A máquina pública não dá conta do recado, mas custa "os olhos da cara" dos contribuintes. É usada pelos partidos da "base", do chamado "presidencialismo de coalizão", que fatiou o Estado em seu prol.

Como explicar a preferência do eleitorado pela presidente? (40%). É simples: 55 milhões de pessoas recebem o Bolsa Família. Nesse estamento concentra-se o grosso do seu eleitorado. O "populismo" do Fórum de São Paulo não vive de cooptar os desafortunados que a história do continente gerou para a perpetuação no poder dos seus líderes liberticidas?

Quem paga o Bolsa Família, e seus filhotes — querem chegar a 17 milhões de famílias — se não os contribuintes? Esse é o desafio. Reduzir de vez a pobreza, não desamparar os miseráveis, qualificar o povo e pô-lo a trabalhar, fixar as regras jurídicas. É com trabalho, confiança e liberdade que se constroem as grandes nações.

Sr. Luiz Inácio Lula da Silva, o senhor era bem-intencionado no início da carreira, mas se metamorfoseou. Instituiu o "coronelismo de Estado", com o seu Bolsa Família eleitoreiro. É urgente derrotá-lo a bem de uma sociedade digna e igualitária, em lugar de um país de mensalistas acomodados às custas da nação. Urge varrer do continente o "populismo do século 21". Como disse o filósofo Slavoj Zizek: "Para o Bolsa Família funcionar, os que trabalham devem ser tão explorados que sustentarão os ricos e também os que não trabalham". É a razão da alta carga tributária!

Ciência sem fronteiras, inovações sem limites

» MAURÍCIO ANTÔNIO LOPES
Presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)

O Programa Ciência sem Fronteiras, concebido pelo Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação e conduzido pelo CNPq, quer ampliar a ação de ciência e tecnologia e de inovação do Brasil a partir da presença de nossos jovens no exterior. Para isso, está investindo no aumento do intercâmbio científico entre as instituições de pesquisa do Brasil e de quase 30 países, gerando mobilidade internacional de nossos pesquisadores e estudantes.

O programa é uma plataforma de intercâmbio em que se integram várias maneiras de interação entre a comunidade científica nacional e internacional, mediante a concessão de 101 mil bolsas de estudos. Com cerca de 26 mil delas, o CNPq está fazendo o que faz desde que foi criado, em 1951: mandar jovens pesquisadores para os principais centros de pós-graduação dos países desenvolvidos. Mas o impacto vai além. Outras 11 mil bolsas vão ser usadas com novos propósitos: atrair jovens pesquisadores brasileiros, já radicados no exterior, para voltar e trabalhar no Brasil; enviar pesquisadores brasileiros para projetos de desenvolvimento tecnológico e inovação no exterior; e trazer cientistas estrangeiros experimentados para atuar como "pesquisadores visitantes especiais" em nossas organizações de pesquisas.

A grande ousadia, entretanto, está no módulo graduação sanduíche: 64 mil estudantes de graduação vêm sendo selecionados e enviados a centros universitários de todo o mundo para fazer parte de sua graduação em sistemas educacionais competitivos em termos de desenvolvimento tecnológico e inovação. Os impactos desse investimento serão ainda maiores porque, iniciados mais cedo, vão ter ampliada exponencialmente sua educação, com provável participação nos outros módulos já citados.

Dois anos passados e a execução do programa já é um sucesso. Glaucius Oliva, presidente do CNPq, informa que no início de outubro já haviam sido selecionados quase 55 mil candidatos: ou seja, na metade do prazo, 50% das metas cumpridas. Mais de 40 mil pesquisadores e estudantes já se encontram nos países escolhidos, realizando o seu trabalho. Os demais aguardam apenas o trâmite da papelada.

Por experiência própria, nós, da Embrapa, não temos dúvida que também será um sucesso. Nos anos 1970 e 1980, a Embrapa enviou, para os principais centros de pós-graduação do mundo, mais de 4 mil pesquisadores de seus quadros, dos institutos estaduais e das universidades agrícolas, muitos recém-saídos da graduação. O resultado é conhecido. O Brasil e sua agricultura tornaram-se referências mundiais em pesquisa e inovação agrícola.

Aquele projeto nos ensinou que a inovação se dará em pelo menos três dimensões. A inovação tecnológica, a dimensão mais óbvia e visível, será decorrência das outras duas dimensões, a inovação pessoal e a inovação institucional, essas duas menos perceptíveis, mas mais profundas e duradouras em seus efeitos.

Imaginemos um jovem do módulo graduação sanduíche. Após meses de imersão numa cultura diferente e, em vários aspectos, contrastante com a nossa, sofrerá uma aceleração no seu processo de amadurecimento intelectual e profissional e mudanças relevantes na sua compreensão da realidade e no seu juízo de valores. Terá novas, diferentes e maiores ambições de realização científica e tecnológica.

Ele alcançará a proficiência em um segundo idioma, o que vai lhe permitir explicitar-se melhor ante outros estudantes e pesquisadores internacionais e ser avaliado por eles. Muitos vão se articular e ser "adotados" por mentores e lideranças científicas internacionais, integrarão redes de pesquisa, serão convidados para os programas de mestrado e doutorado e, havendo condições, talvez trabalhem nessas universidades.

A maioria voltará para nossas universidades, organizações de pesquisa e empresas privadas de base tecnológica. A cada retorno, nesse ciclo de formação científica, suas habilidades, conexões internacionais e ambições expandidas fomentarão a revolução institucional necessária para que toda a cadeia produtiva de ciência e tecnologia do Brasil multiplique a sua competitividade e capacidade de inovação.

Os benefícios são inimagináveis. Se, no passado, apenas 4 mil jovens, centrados nas ciências agrárias e áreas correlatas, engendraram a revolução agrícola tropical que o mundo aplaude, não é possível estabelecer limites para o que farão 100 mil jovens dedicados a cerca de 20 áreas do conhecimento, todas elas sabidamente "portadoras de futuro". É o que teremos: inovações sem limites.

ARI CUNHA
DESDE 1960

VISTO, LIDO E OUVIDO

aricunha@dabr.com.br
com Circe Cunha // circecunha.df@dabr.com.br

Política em farrapos

Basta aparecer a imagem de um político de Brasília sendo preso para que a população volte a usar adjetivos impublicáveis. Isso, até as eleições seguintes. A única forma de mudar é pelo voto. Aí está o segredo do sucesso de quem manda. É porque o juízo de quem obedece não é dotado de memória. E o voto vai para o mais bonitinho, o que deu o telhado ou a dentadura. A cada ano, reafirmam na prática o que esta coluna vem dizendo há décadas: a inutilidade e o alto custo para a população manter a estrutura do Executivo e do Legislativo para a obtenção de parcos e duvidosos resultados para a cidade. A falácia de que o Distrito Federal necessita desses poderes serve apenas para o benefício de um grupo que há tempos vem demonstrando, na prática, como onerar o contribuinte, destruir a cidade e transformar a vida dos moradores num pesadelo sem-fim. A indicação dos administradores apanhados pela polícia foi feita por deputados distritais; logo, eles são os avalistas diretos desses personagens, cabendo a eles parte da responsabilidade pelo ilícito provado. São repetidos os escândalos de corrupção, desvios de dinheiro público, cassações, representantes sem votos e políticos presos. A administração de que a cidade precisa pode muito bem ser exercida por pessoas egressas das universidades, escolhidas por concurso público. O atual modelo de gestão pública da cidade, montado a partir das estruturas partidárias que aí estão, demonstra apenas uma coisa: a miséria da política candanga.

A frase que foi pronunciada

"A melhor maneira de nos prepararmos para o futuro é concentrar toda a imaginação e o entusiasmo na execução perfeita do trabalho de hoje."

Dale Carnegie

Pela vida

» *Blood money — Aborto legalizado*. Documentário bastante interessante sobre o interesse da indústria do aborto norte-americana. O direito brasileiro está bem inclinado a adotar a ideia, para contribuir com essa máfia. É hora de legalizar a vida, como está na Constituição. Apesar de rico, o documentário precisa de mais imagens durante o processo de aborto, com as reações do feto ou mesmo do embrião. Com a tecnologia que se tem, essa seria uma forma incontestável de mostrar à opinião pública como ocorre um assassinato, no útero, de um ser indefeso.

Caso sociológico

» Elcio, aluno da Faculdade JK, no Gama, visitava o CCBB com a turma. A exposição sobre o Renascimento o encantou. As cores, a riqueza dos quadros, as luzes, as formas, os detalhes. Embevecido com tanta beleza, tanto da exposição quanto da grandeza do local, surpreendeu os colegas dizendo que queria conhecer o banheiro do Centro Cultural. Foi, e também gostou.

Internacional

» Juvenal Pereira comemora. É o responsável em frente ao prédio central da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. O professor Artur Matuck leu o *Manifesto por um país sem armas* e o artista Hannes Neubauer, pós-graduado pela Bauhaus-Universität Weimar, da Alemanha, "dissolveu" com um maçarico uma metralhadora feita em uma folha de alumínio.

Alô, alô!

» Prevenção da dengue pelo celular. Até segunda-feira a Vivo vai disparar 200 mil mensagens por celular com dicas de prevenção contra focos de mosquitos da dengue. Esse é o resultado de uma parceria entre a Secretaria de Saúde e a operadora.

Participação

» Servidores do GDF que estavam em Haia, na Holanda, pelo Programa Brasília sem Fronteiras, foram convidados a apresentar métodos de gestão, com levantamentos, comparações e análises práticas. Escolheram a culinária brasileira e apresentaram, com criatividade, um belo trabalho.

Ídolo

» Michael Jackson é tema de estudo de caso. Em entrevista exibida no mundo inteiro, houve a tentativa de destruir o ídolo. Hoje, poucos sabem o nome do entrevistador. Multidões em todo o mundo continuam fiéis ao astro. Rodrigo Teaser foi o cantor escolhido para realizar o show que não aconteceu.

Rancho

» Por R$ 2,50, os estudantes da UnB voltam a se alimentar no RU. O lugar foi reformado, porque comida e cheiro de esgoto se misturavam. Agora, o lugar, com iluminação e ventilação agradáveis, recebe também visitantes, que devem desembolsar R$ 10 pela refeição.

História de Brasília

Também não foi bem recebida pelos funcionários a medida do governo requisitando apartamentos que se destinariam aos funcionários já residentes em Brasília. (**Publicado em 4/7/1961**)